

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA AÍDS NA POPULAÇÃO IDOSA: ANÁLISE DOS DADOS BRASILEIROS



Rebeca Rocha Carneiro¹
Tatiana Rodrigues da Silva Dantas²
Daniele Silva Meireles³
Caroline Santos de Araújo⁴
Ericka Vilar Bôtto Targino⁵

INTRODUÇÃO

As crenças socioculturais que associam idosos a perdas e limitações, incapacidade de reprodução, morte do companheiro, inatividade sexual e abdicação, impactam diretamente no entendimento de novos caminhos que o idoso é capaz de percorrer, tornando o envelhecimento um processo muito mais susceptível a vulnerabilidade e fragilização diante dos diversos processos patológicos, emergindo, nesta perspectiva, a questão da Síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) entre os idosos (SANTOS; ASSIS, 2011).

O vírus da imunodeficiência humano (HIV) pode afetar pessoas de diferentes faixas etárias, gênero e orientação sexual. É notório que o número de casos de HIV entre idosos vem crescendo ao longo dos anos, entre 2007 e 2017, o aumento foi de 657% (BRASIL, 2017). Por um lado, tem-se o aumento da expectativa de vida, com aumento da população idosa no país, ao mesmo tempo em os avanços da medicina e da tecnologia, com melhores tratamentos de reposição hormonal e outras disfunções que afetam a sexualidade, fazem com que os idosos vivam mais e possam ter uma vida sexual mais longa. Além disso, com tratamentos mais modernos para HIV e Aids, mais pacientes chegam à fase idosa com saúde e qualidade de vida (SILVA, SARMENTO, SILVA et al, 2018).

A incidência de HIV/Aids na população brasileira acima de 50 anos cresceu de 3,6 para 7,1 em 100.000 habitantes entre 1996 a 2006, representando um aumento de 50% de casos novos (BRASIL, 2009). A doença neste grupo específico apresenta particular relevância epidemiológica pelas altas taxas de incidência, prevalência e letalidade (ZILDENE, LEITE, 2009, SANTOS, ASSIS, 2011). Dos 47.437 casos de Aids notificados desde o início da epidemia em pessoas acima dos 60 anos, 29.393 (62%) foram registrados de 2001 a junho de 2008, sugerindo a subnotificação antes do ano 2000. Nesse grupo, 37% são mulheres e 63%

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Modelos de Decisão e Saúde da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rebecamachadorocha@hotmail.com;

² Mestre em enfermagem na linha de epidemiologia e saúde pela Universidade Federal da Paraíba, tatirodrigues21@yahoo.com.br;

³ Mestre em Gerontologia pela Universidade Federal da Paraíba, daniellemereles@hotmail.com;

⁴ Especialista em Saúde da Família, Hospital Universitário Lauro Wanderley, Universidade Federal da Paraíba, carolinesa1986@gmail.com

⁵ Especialista em Unidade de Terapia Intensiva, Universidade Federal da Paraíba, erickavilar@hotmail.com

homens e, atualmente, o índice de HIV entre idosos no Brasil já supera o de adolescentes entre 15 e 19 anos (BRASIL, 2009; ABE, 2009, SANTOS, ASSIS, 2011). Dados nacionais referem que o índice de HIV entre idosos já supera o de adolescentes entre 15 e 19 anos. Este aumento do número de casos cresce como em nenhuma outra faixa etária, emergindo como um desafio para o Brasil, exigindo o estabelecimento de políticas públicas e estratégias que possam garantir o alcance das medidas preventivas e a melhoria da qualidade de vida a estas pessoas (BRASIL, 2009).

Manter-se atento às alterações no perfil epidemiológico da Aids, tendo em mente as mudanças por que passam a população no que se refere ao perfil etário são fundamentais para compreender o problema e propor estratégias de enfrentamento que possibilitem uma melhor compreensão da associação entre Aids e idosos e assim seja possível elaborar estratégias de enfrentamento que possam contribuir efetivamente para o enfrentamento do problema. Nessa perspectiva, este estudo objetivou investigar o perfil epidemiológico dos casos de Aids em idosos no período de 2010 a 2020.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, ecológico e descritivo, com abordagem quantitativa, a partir de dados obtidos por meio do portal da saúde, acessando-se os seguintes passos no site: informações de saúde (TABNET): epidemiológicas e morbidades, disponibilizados pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde - Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) e Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) o qual se encontra de acesso livre na internet, por meio do sítio eletrônico: <http://www.datasus.gov.br>, registrados no período compreendido entre 2010 a 2020, relacionados a detecção de casos de Aids com idade de 60 anos e mais, compilados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS).

Para operacionalização da coleta de dados, foram utilizadas as tabelas elaboradas pelo Tabnet do DATASUS e transportados para tabelas no Programa Microsoft Excel®. Os resultados foram expressos por meio de análise estatística descritiva.

As variáveis analisadas foram: Distribuição dos casos de Aids em idosos, segundo ano de diagnóstico, sexo, escolaridade, região de residência e categoria de exposição.

A presente investigação, por trabalhar com dados secundários, disponíveis através do SINAN, é dispensada de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP) de acordo com a Resolução CNS 510/2016 (BRASIL, 2016), por não haver

variáveis que possibilitem a identificação dos sujeitos da pesquisa. Ressalta-se que todas as prerrogativas éticas emanadas dos dispositivos que regem a pesquisa envolvendo dados públicos foram seguidas rigorosamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de 2010 a 2020, registrou-se um total de 23.656 mil casos de Aids no Brasil nesta população. O país registrou uma média anual de 2.357 casos. A taxa de detecção é maior no sexo masculino, chamando atenção para os anos de 2018 e 2019 onde o número de casos diagnosticados foi expressivamente maior para ambos os sexos.

A tabela 1 esquematiza os dados coletados quanto às variáveis epidemiológicas e mostra predomínio de casos entre idosos do sexo masculino, para os quais foram identificados 14.503 casos notificados, o equivalente a 61,31% do total de notificações. Para o sexo feminino foram registrados um total de 9.151 notificações, o correspondente a 38,69% das notificações realizadas no período do estudo. Em estudo realizado no Estado do Ceará também ficou evidenciada uma maior proporção de casos entre indivíduos do sexo masculino nessa faixa etária (MAIA et al, 2008)

Quanto à escolaridade viu-se predomínio de casos notificados entre idosos que declararam ensino fundamental incompleto, com 1.094 casos nesse grupo, o equivalente a 22,95% dos registros realizados. Mais de 50% dos casos notificados foram marcados como ignorado para o quesito escolaridade, o equivalente a 56,12% das notificações. Apenas 749 idosos declararam ensino superior completo, o correspondente a 3,17% das notificações. Para os demais níveis de escolaridade foram identificados os seguintes valores percentuais e absolutos: 4,62% afirmou ser analfabeto, 5,16% disse possuir o ensino fundamental incompleto, 1,98% cursou até o ensino médio incompleto, 5,36% disse ter ensino médio incompleto, apenas 0,64% chegou ao ensino superior, mas não concluiu, enquanto apenas 3,17% concluiu o ensino superior. É consenso entre os autores que a posição dos indivíduos na estrutura social é um importante preditor das suas condições de saúde, sendo que a escolaridade, a renda e a ocupação estão entre os preditores mais importantes na associação entre estrutura social e condições de saúde e especificamente quanto ao nível educacional sabe-se que o mesmo expressa diferenças entre pessoas em termos de acesso à informação e perspectivas e possibilidades de se beneficiar de novos conhecimentos, sendo relevante quando o assunto é Aids, haja vista que é uma doença permeada por preconceito e estigma (FONSECA et al, 2000).



Outros autores acrescentam que a escolaridade impacta diretamente nos aspectos físicos e psicológicos e está entre as variáveis sociodemográficas que estão mais fortemente associadas à qualidade de vida. Deste modo, estimular a escolarização entre esse grupo é uma das estratégias para o enfretamento da doença nessa faixa etária (JOHNSON; LOUHIVUORI; SILJANDER, 2016).

A escolaridade é uma variável que entende o percurso de formação do participante, em anos de frequência em instituições de ensino. No Brasil, em média, a escolaridade dos idosos é prevalente no ensino fundamental incompleto, especialmente as mulheres idosas e moradores das zonas rurais (VAGETTI et al., 2013; GARBACCIO et al., 2018).

Neste período, há uma concentração nas regiões Sudeste e Sul, correspondendo respectivamente 41,12% e 24,83% dos casos notificados. Os resultados obtidos, mostram casos registrados em todas as regiões do Brasil, com região nordeste ocupando o terceiro lugar em número de notificações, com 19,44% (4.598), seguindo pela região norte com 7,73% das notificações (1830), sendo 6,88% (1.627) dos casos observados na região centro-oeste.

Esses números mostram a presença do agravo em todas as regiões do País, observadas diferenças quanto as proporções populacionais. As unidades da federação com maior densidade demográfica estão localizadas nas regiões sudeste, sul e nordeste, o que pode justificar o maior número de casos está localizados nessas regiões.

O gráfico 1 mostra o número de casos de Aids entre homens e mulheres segundo o ano de notificação, no período estudado. Foram notificados 14503 casos entre homens e 9152 casos entre mulheres entre 2010 e 2020, sendo notificados, ao todo 23656 casos entre idosos. Notou-se predomínio de casos entre idosos do sexo masculino, em todo o período do estudo. O número de casos vem aumentando expressivamente desde 2010, onde neste ano havia 1.661 casos registrados e em 2019, 2.484 casos, o que corresponde a um incremento de 49,55%. Em todo o período. No ano de 2010 foram registrados 1661 casos entre idosos, em 2011 1844, em 2012, 1982, em 2013 2168, em 2014 2.159, em 2015 2203, em 2016 2323, 2366 em 2017, em 2018 2510, enquanto em 2019 e 2020, foram notificados 2484 e 2010 caso de Aids em idosos respectivamente. Para todos os anos houve maior proporção de casos entre idosos do sexo masculino sobre o feminino.

Os dados esquematizados no Gráfico 2 mostram predomínio da exposição heterossexual entre os casos de Aids registrados entre idosos no período de 2010 a 2020. Foram notificados 10.041 casos nesse grupo de exposição. Foi elevado o número de casos marcados como ignorado para esse aspecto. 12.107 casos foram marcados como ignorado. Com relação

à categoria de exposição, o número mais expressivo encontra-se entre os autodeclarados heterossexuais, com 10.041 mil casos, seguido dos homossexuais com 815 casos nesse grupo.

No que se refere à categoria de exposição, alguns autores abordam a visão restrita, ainda muita praticada por vários profissionais, que tendem a tratar o idoso como uma pessoa assexuada, corroborando para a prática de não oferecimento, a essa população de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis (MAIA et al, 2018). Apesar da visão restrita, tanto em relação à sexualidade quanto à velhice, a exposição sexual desprotegida é atualmente a principal forma de infecção pelo HIV entre idosos. A infecção pelo HIV pode ser adquirida após exposição sexual, através de contato com sangue ou hemoderivados e através da transmissão vertical, que acontece da mãe infectada para o filho durante o período gestacional ou durante a amamentação (BRASIL, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Envelhecimento populacional é uma realidade para a qual os serviços de saúde devem estar preparados. Manter-se atentos ao perfil epidemiológico da população idosa no país é uma necessidade que não pode ser ignorada. Abordar aspectos relacionados à sexualidade na terceira idade é uma das estratégias que podem contribuir para a contenção do crescimento do número de casos em idosos.

Diante dos dados, ressalta-se a necessidade de novos estudos que busquem evidenciar outras características epidemiológicas do HIV e Aids neste seguimento populacional no país, aprimorando a assistência em saúde dessa população. Cumpre-nos pontuar, quanto às limitações do estudo, que há um percentual elevado de informações ausentes nas notificações dos casos de Aids em idosos disponíveis no DATASUS, o que torna mais difícil a descrição do perfil epidemiológico da Aids na população idosa no Brasil. Mostra, por outro lado, a importância de observar a qualidade dos registros realizados pelos profissionais de saúde, de modo que investimentos nesse sentido devem ser incentivados.

Palavras-chave: Aids, Idoso, Epidemiologia descritiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico Aids e DST**. Ano V - nº 1 - 27^a a 53^a - semanas epidemiológicas - julho a dezembro de 2016



Ano V - nº 1 - 01ª a 26ª - semanas epidemiológicas - janeiro a junho de 2017, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2017>

BRASIL. Programa Nacional DST/AIDS. **Incidência entre os maiores de 50 anos preocupa 2008** [acesso em 2021]. Disponível em <http://www.aids.gov.br/data/Pages/lumis67f61bd3itemid1bfb1fb10itemidtemidE.htm>

FONSECA, Maria Goretti et al. AIDS e grau de escolaridade no Brasil: evolução temporal de 1986 a 1996 **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 16(Sup. 1):77-87, 2000

SANTOS, Alessandra Fátima de Mattos; ASSIS, Mônica de. Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2011.

SILVA, Bruno Neves da; SARMENTO, Wagner Maciel; SILVA, Fabrícia Cristina Vidal et al. Panorama Epidemiológico da Aids em Idosos. **Hygeia** 14 (29): 80 - 88, Setembro/2018

ZILDENE S, LEITE J. L. **Aids e envelhecimento. Reflexões sobre a infecção pelo HIV em indivíduos acima de 60 anos 2008** [acesso em Jan 09 2009] Disponível em: <http://www.saude.rio.rj.gov.br/media/AIDSENVELHECIMENTO.doc>

MAIA, David de Alencar Correia et al. Notification of cases of HIV/AIDS among the elderly in the state of Ceará: the historical sequence between 2005 and 2014. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia** [online]. 2018, v. 21, n. 05 [Acessado 20 Junho 2022], pp. 542-552. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180041>>.

JOHNSON Julene K, LOUHIVUORI Jukka, SILJANDER Eero. Comparison of well-being of older adult choir singers and the general population in Finland: A case-control study. **Musicae Scientiae**. 2017;21(2):178-194.

VAGETTI, G. C. et al. Domínios da qualidade de vida associados à percepção de saúde: um estudo com idosas de um programa de atividade física em bairros de baixa renda de Curitiba, Paraná, Brasil. *Ciênc. Saúde coletiva*, [online], v. 18, n. 12, p. 3483-3493, 2013. ISSN 1413-8123. DOI: 10.1590/S1413-81232013001200005.

GARBACCIO, J. L. et al. Envelhecimento e qualidade de vida de idosos residentes da zona rural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 71, n. 2, p. 724-732, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0149>.